



“Nada a declarar”. É Jânio

O último presidente da República eleito pelo voto direto, Jânio da Silva Quadros, vitorioso nas eleições de 1960 com 5,6 milhões de votos — 48% do eleitorado da época — vai depositar o seu voto hoje em uma das urnas da seção do Butantã, na zona oeste de São Paulo. Com a saúde debilitada, em consequência de um derrame cerebral, Jânio vem se recusando a atender a imprensa. Ontem, ao atender, em São Paulo, a um telefonema de “O Globo”, o ex-presidente foi lacônico:

— Não tenho nada a declarar.

Depois de aparecer nos programas do horário eleitoral gratuito do PFL pedindo votos para Aureliano Chaves, Jânio Quadros liberou os seus seguidores do Movimento Brasil Jânio — Já para que apoiem Fernando Collor de Mello, segundo informou o coordenador do grupo, Nelson Valente, vereador derrotado nas eleições de 85. O próprio Nelson Valente explica, porém, que os janistas estão devididos entre Collor e Maluf e poucos devem acatar o apelo do líder Jânio Quadros e votar em Aureliano.

Ex-professor ginásial de Gramática, Jânio Quadros teve uma carreira política fulgurante, começando como vereador em São Paulo, depois como deputado estadual e federal, prefeito da capital e governador do Estado. Explorando a repulsa popular aos partidos políticos, Jânio tornou-se conhecido como o “homem da vassoura”.

Empossado em 31 de janeiro de 1961 na presidência da República, Jânio Quadros surpreendeu a todos já na sua primeira fala pública pela televisão, quando jogou, diante das Câmaras, um exemplar de domingo do jornal “O Estado de São Paulo” na cesta de lixo.

Bilhetinhos

A avaliação de Jânio no seu primeiro dia como presidente foi de que a crise era insuportável diante da dívida externa de US\$ 3,8 bilhões, US\$ 500 milhões dos quais deveriam ser pagos imediatamente. Os bilhetinhos de Jânio aos seus assessores eram publicados no “Diário Oficial” e tinham força de decretos. Os assuntos dos bilhetes

eram variados: proibição do uso de biquínis nas praias ou lança-perfumes no carnaval, as rinhas de galo e corridas de cavalo em dias de semana, aumento da jornada de trabalho dos funcionários públicos e coisas do gênero. Um dos seus últimos bilhetes foi endereçado aos ministros militares, com o seguinte recado:

“Nesta data (25 de agosto de 1961) e por este instrumento, deixando com o ministro da Justiça as razões do meu ato, renuncio ao mandato de presidente da República”.

Ninguém sabe ao certo, até hoje, por que Jânio renunciou depois de apenas sete meses de Governo, deixando o Brasil inteiro estarelecido e em meio a uma séria crise política. Os ministros militares vetam a posse do vice-presidente eleito, João Goulart e o governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, lança a “Campanha pela Legalidade”. A conciliação é alcançada através da emenda constitucional instituindo o parlamentarismo, que permitiu a posse de João Goulart, no dia 7 de setembro, tendo Tancredo Neves como primeiro-ministro.

Com seu velho estilo, o mesmo símbolo da “vassourinha” e os bilhetinhos, Jânio Quadros reapareceu no cenário político em 1982, quando se candidatou e perdeu mais uma vez o Governo de São Paulo e, em 1985, quando se elegeu prefeito da cidade de São Paulo pelo PTB, derrotando o candidato do PMDB, Fernando Henrique Cardoso, hoje no PSDB. Por pouco Jânio não é agora candidato a presidente da República. Convites não lhe faltaram. A todos eles, recusou, alegando o seu estado de saúde.

A oposição, no entanto, acusa Jânio de não estar doente mas sim de usar esse argumento como desculpa para não prestar depoimento na comissão especial de inquérito da Câmara Municipal aberta para apurar irregularidades na sua administração. A negativa em concorrer agora ao Palácio do Planalto entra para a história como mais um dos muitos mistérios que envolvem a trajetória política do ex-presidente.